

Ἀντίδωρον  
Homenaje a  
Juan José Moralejo

Edición a cargo de

MARÍA JOSÉ GARCÍA BLANCO  
TERESA AMADO RODRÍGUEZ  
MARÍA JOSÉ MARTÍN VELASCO  
AMELIA PEREIRO PARDO  
MANUEL ENRIQUE VÁZQUEZ BUJÁN

2011  
UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

ANTIDORON : homenaje a Juan José Moralejo / edición a cargo de María José García Blanco ... [et al.]. – Santiago de Compostela : Universidade, Servizo de Publicacións e Intercambio Científico, 2011. – 598 p. ; 17 x 24 cm. – D.L. C 1945-2011. – ISBN 978-84-9887-720-5

1. Filoloxía grega. 2. Filoloxía latina. I. García Blanco, María José, ed. II. Amado Rodríguez, Teresa, ed. III. Martín Velasco, María José, ed. IV. Pereiro Pardo, Amelia, ed. V. Vázquez Buján, Manuel Enrique, ed. VI. Universidade de Santiago de Compostela. Servizo de Publicacións e Intercambio Científico, ed.

821.14

811.14

821.124

811.124

© Universidade de Santiago de Compostela, 2011

**Edita**

Servizo de Publicacións e  
Intercambio Científico  
Campus Vida  
*www.usc.es/spubl*

**Maqueta e imprime**

Imprenta Universitaria  
Campus Vida

**Depósito legal:** C 1945-2011  
**ISBN** 978-84-9887-720-5

## Viver, filosofar... viver!

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

Universidade de Coimbra

**RESUMO:** Salienta-se a personalidade de Juan José Moralejo como Homem que vive intensamente a vida e como Investigador e Professor que miudamente escarpaliza os temas que estuda. Exemplifica-se com a análise que faz de um teónimo pré-romano (*Bormanicus*) e de um topónimo da Lusitânia (*Conimbriga*). A referência ao seu *Bestiário Helénico* complementa a visão de um Homem que é Mestre em todos os sentidos do nosso quotidiano.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Bormanicus*, *Conimbriga*, Juan José Moralejo.

**SUMMARY:** A little analysis of the Professor Moralejo's activity as researcher in Ancient Philology. Two examples are studied: the etymology of the name of a pre-roman deity, *Bormanicus*, and that of a Roman-Lusitanian *civitas*, *Conimbriga*.

His *Bestiario Helénico* is, in another hand, the portrait of a teacher that teaches us the "life's science".

**KEYWORDS:** *Bormanicus*, *Conimbriga*, Juan José Moralejo.

### 1. Viver

Atribuída, ao que parece, ao filósofo inglês Thomas Hobbes (1588-1679), *primum vivere deinde philosophari* constitui, sem dúvida, norma de vida que, nestas primeiras décadas do século XXI, certamente importava recuperar para o nosso dia-a-dia. E se ora a evoco é não só porque cada vez mais estamos esquecidos de viver («Porque esperas por amanhã para viver? Um dia, para ti, não haverá mais amanhã e não terás vivido» – QUOIST 1965: 146), mas sobretudo porque Juan José Moralejo privilegia acima de tudo esse viver:

«En mi currículu no puedo decir que soy un pescador que en tiempos de veda da clases de Griego, pero en el fondo así son las cosas...» – escreveu-me, a

28 de Fevereiro de 2011, depois de me explicar que «mi foto curricular es con un reo de 1,400 kg pescado en el río Tamaris / Tamara, hoy Tambre. El reo es la trucha anádroma, es decir, la que baja al mar y vuelve luego al río a reproducirse, etc. con ciclo similar a salmón, anguila, lamprea.»

Eis como, numa singela resposta de correio electrónico, se retrata o Homem e o Sábio! O Homem que, em vez de se apresentar em solene traje académico, ou rodeado de livros numa biblioteca, prefere mostrar, com orgulho e em jeito de mensagem, um peixe motivo de júbilo. O Sábio que, para além das temáticas linguísticas – o Tambre chamava-se antigamente *Tamaris* ou *Tamara!*... – se não coíbe de explicitar, de imediato, as principais características do ‘reo’.

Aliás, não deixa de ser sintomático que Juan José haja aderido ao *youtube*, onde tem, por exemplo, uma mensagem dita por ele próprio, sentado numa cadeira de uma sala de aula vazia, mensagem que começa precisamente assim: «Sou Juan José Moralejo Álvarez, catedrático de Grego na Universidade de Santiago, ainda que, na realidade, a minha profissão é andar pelos rios. Logo, faço Grego em tempo de defeso». E evoca, de seguida, a sua enorme afeição pelo Galego, enquanto língua que muito preza e pretende valorizar (cfr: <http://www.youtube.com/watch?v=EDNEWck8SR09>). De resto, num outro vídeo – <http://www.youtube.com/watch?v=qFhdYCoVV2U> – diz assim: «Vou ler o começo de *Merlin e Família*, de Álvaro Cunqueiro, que para mim é uma bíblia da literatura galega».

A língua, portanto, na sua identidade, como forma de uma população com raízes próprias continuar a expressar-se.

## 2. Filósofar

Fundem-se, pois, numa só as duas personalidades, apesar da aparente dicotomia.

E que me seja permitido, por isso, referir dois dos temas sobre que Juan José Moralejo eloquentemente se debruçou e onde os nossos caminhos se cruzaram, pois, ao longo dos Colóquios sobre Línguas e Culturas Paleohispânicas: um, o teónimo *Bormanicus*, que me ocupou logo para a dissertação de licenciatura (1975: 143-148); o outro, o topónimo *Conimbriga*, a que estou necessariamente ligado, inclusive pela investigação levada a efeito nessa conhecida cidade romana pelos arqueólogos da Universidade de Coimbra.

## 2.1 *Bormanicus*

Juan José Moralejo analisou este teónimo numa comunicação apresentada em 1999, publicada em 2002. Começa assim:

«La revisión del epíteto teonímico *Bormanicus* de CIL II 2402 y 2403 (Caldas de Vizela, Gallaecia Bracarensis), aconseja recordar la evolución de los fonemas labiovelares desde el Indoeuropeo Común a las lenguas célticas, y en especial recordar que de ide. \**gh<sup>w</sup>* no es esperable \**b* ni en CC ni en lenguas célticas particulares».

Trata-se, pois, de uma abordagem do ponto de vista filológico, bem especializado, que visa complementar os dados que têm sido carreados para se compreender, no fundo, o que significa esta palavra, relacionando-a com estratos linguísticos que lhe poderão estar subjacentes. Aliás, a sua principal conclusão é a seguinte:

«Gallego y portugués *goro*, castellano *huero* parecen los mejores candidatos a documentar en lo románico un sustrato céltico con la evolución céltica común y regular de ide. \**gh<sup>w</sup>or-* > \**g<sup>w</sup>or-*. Si las cosas son así, con *Bormanico* y su grupo serían una prueba más de que la indoeuropeización de Hispania fue superposición o integración de orígenes diversos».

Não vamos trilhar esse caminho, ainda que se reconheça a sua válida oportunidade, até porque, por exemplo, Blanca Prósper – que não teve acesso a esta comunicação de J. J. Moralejo – afirma peremptoriamente, a dado passo, que «la forma BORMANICO difícilmente puede considerarse céltica: este grupo no conoce formaciones con \**-m-* de esta raíz y el resultado homogéneo de la labiovelar es incompatible con los resultados céltas» (2002: 330). Aproveitar-se-á, pois, o ensejo para fazer o ponto da situação não em relação às etimologias, mas sim ao que hoje se pode avançar acerca da natureza desta divindade.

Recordar-se-á, em primeiro lugar, como Juan José Moralejo indica, que a palavra está mencionada em duas inscrições, procedentes do mesmo local, circunstância que aponta, desde logo, para a existência de um culto geograficamente definido.

CIL II 2402, achada no chamado «Banho do Médico» (Caldas de Vizela, concelho de Vizela), apresenta um texto simples, em caracteres esguios inscritos num altar, sem dificuldades de leitura (fig. 1).

Por ele ficamos a saber que, aí pelos meados do século I da nossa era, *Medamus Camali Bormanico v(otum) s(olvit) l(ibens) m(erito)*. O dedicante identifica-se à maneira indígena, com significativa omissão do *f* que explicitaria a filiação, o que não deixa de ser sintomático: ele é o Medamo do Câmalo, ou seja, basta esta referência para na comunidade ser reconhecido. Sintomáticos também dois outros aspectos: o nome precede a menção do teónimo, a indiciar que este era um altar entre outros com dedicatória idêntica e seria o nome do dedicante, à cabeça, que faria a diferença; depois, o uso da fórmula dedicatória nestas siglas sugere que o lapicida já estava bem dentro dos esquemas fraseológicos latinos (penso, por exemplo, que um conceito como o de ‘mérito’ implica já alguma abstracção).

CIL II 2403 (fig. 2), encontrada no sítio da Lameira, também ele próximo da zona termal, obedece já a outros cânones, inclusive do ponto de vista tipológico, pois o que nos chegou detém forma cilíndrica, dando-nos a sugestão de se ter pensado em algo como um marco solenemente implantado no local de culto. O texto obedece, na sua primeira parte, ao mesmo esquema formal: identificação do dedicante, menção do teónimo e fórmula final que poderá ter sido idêntica à de CIL II 2402, radicando a dúvida no facto de a superfície epigrafada se encontrar aí desgastada.



Figura 1



Figura 2

Três aspectos, porém, têm chamado a atenção dos investigadores.

O primeiro, o dedicante, que, cidadão inscrito na tribo Galéria, se declara natural de *Uxsama*, sendo, porém, de origem pré-romana, pois que, ainda que haja dúvidas acerca da reconstituição do seu *cognomen* (*Meidugenus?*), a filiação vem mencionada à maneira indígena – *Caturonis f(ilius)* – e está colocada depois da referência à tribo e não antes como seria normal. A presença de *Caius Pompeius Meidugenus* (?), vindo de bem perto de *Clunia*, zona de cujos naturais os monumentos epigráficos dão conta da sua larga propensão para emigrar, atesta o carácter salutarmente reconhecidamente importante e divulgado das termas de que a divindade *Bormanicus* era o espírito benfazejo.

O segundo aspecto prende-se com o facto de a divindade vir claramente identificada como REO BORMANICO (em dativo). Transcrevi atrás o texto em que Juan José Moralejo classifica *Bormanicus* como um «epíteto teonímico». Na verdade, a terminação *-anicus* aponta, naturalmente, para um carácter adjectival do vocábulo; carecer-se-ia, pois, de encontrar o substantivo que ele qualificava. A possibilidade de *Reo* não ser –como alguns autores apontaram e eu próprio perfilhei, atendendo a que o texto foi, de facto, reavivado e poderia ter havido desatenção– má interpretação do D (de *Deo*) e a possível aproximação com *Reva*, teónimo bem divulgado na área ocidental da Península e a que se atribui uma relação íntima com as águas correntes têm sido argumentos a favor de se ver em *Reo* o substantivo de que se necessita, relação que Rodríguez González (1997: 54-55) advoga. Olivares Pedreño prefere, porém, assinalar o desconhecimento que se tem acerca dos «otros teónimos» sob os quais «las divinidades de este carácter fueran adoradas en Hispania» (2002: 78).

O terceiro aspecto refere-se à circunstância de, no final, haver uma exortação invulgar em textos votivos e que também em monumentos funerários não surge amiúde e apenas a partir –quanto se sabe– de finais do século II em diante, numa altura em que o respeito pelos locais sagrados e suas oferendas epigrafadas começou a ser menor. Frank J. Korn compara essa frase com os *grafitti*, pois que a menciona (2002: 66) no capítulo que designou «The wall writers of long ago»; não se trata, porém, de um grafito, pois que vem na sequência do texto:

*Quisquis · honorem · agitas · ita · te · tua gloria · servet praecipias puero · ne linat · hunc lapidem.*

Frank J. Korn traduz assim:

«You who are seeking election, let your legacy be thus – that you instruct your boy [servant] not to deface this stone».

A versão, um tanto livre, que publiquei em 1975 (p. 144) foi a seguinte:

«Se prezas a tua honra, que sirva para tua glória impedires que as crianças estraguem esta lápide».

Ligeiramente diferente desta é a tradução apresentada em Ribeiro 2002, 357:

«Quem quer que sejas, que sigas uma carreira com honra que para tua glória sirva. Impede que as crianças estraguem esta lápide».

Leite de Vasconcelos (1905: 269) faz-se eco das duas interpretações que têm sido dadas a este dístico que Buecheler incluiu na sua colectânea de textos latinos poéticos (*CLE*, sob o nº 876), designadamente dos comentários de Hübner (CIL II 2403). Assim, a frase *honorem agitas* –escreve Hübner– deve relacionar-se com a divindade: «In titulo sacro honorem agere puto dictum esse de honore dis habendo ut apud poetas *meritos mactare honore* dicitur (Verg. Aen. 3, 118)». Ou seja, tratar-se-ia da honra concedida pela divindade. Mommsen, por seu turno, consultado por Hübner, interpretou o dístico num outro sentido, pondo-o em paralelo com a solicitação feita «aos candidatos a cargos públicos para que não consintam que o escravo que costuma pintar os nomes deles, como proclamação, nas paredes, manche esta pedra». Comenta Hübner –e muito bem– que não seria este o local nem o suporte indicado para propagandas eleitorais e, por isso, tal como Leite de Vasconcelos afirma, «deve entender-se que o dístico é mera fórmula de aplicação geral».

Concordo com esta interpretação; contudo, importa, a meu ver, atentar no que isso, de facto, significa do ponto de vista cultural: é que, na verdade, estamos perante a apropriação para um texto votivo de fórmula eventualmente comum e de conteúdo político-social. *Honorem agitare* é expressão de âmbito claramente político: significa aspirar ao exercício de cargos públicos, pois, como se sabe, o *curriculum vitae* de um político era o seu *cursus honorum*. Nesse contexto, portanto, a frase tem um conteúdo preciso e não há como escamoteá-lo:

«Tu, quem quer que sejas, que anseias por honras, que deste modo te sirva para tua glória que ordenes ao escravo que não suje esta lápide».

Compreende-se: num contexto público urbano, pintar propaganda eleitoral nas paredes nem sempre é bem-visto; o respeito pela propriedade alheia pode, ao invés, jogar a favor dum candidato –e é isso que se preconiza.

Comenta Leite de Vasconcelos, em nota (p. 269): «Este dístico corresponde às recomendações que se lêem com frequência nos edifícios de Paris: “*défense d’afficher!*”». É o nosso «Afixação Proibida», no que corresponde à publicidade comercial; neste caso, contudo, vai-se mais além, pois em tempo de campanha



eleitoral (e disso temos bom testemunho nas paredes de Pompeios) tudo serve para inscrições!... E foi nesse âmbito que o atrás citado Frank J. Korn acabou por incluir este testemunho no capítulo dos «The wall writers of long ago»!...

Por consequência, este aspecto não é minimamente despidendo: o lapicida (ou o dedicante), conhecedor dos formulários públicos romanos, não hesitou em aplicar aqui –ainda que fora do contexto real– uma solicitação tendente à preservação da epígrafe. Um duplo reflexo, portanto: o de um conhecimento e o de um desconhecimento. Conhecimento dessa fórmula; desconhecimento de uma outra que mais consentânea fosse com o contexto votivo a que o monumento se destinava. Em todo o caso, um índice cultural relevante.

Remate-se este excuro sobre *Bormanicus* assinalando que todos os autores a consideram uma divindade benfazeja, quer pelo contexto em que as epígrafes com esta grafia e outras idênticas se encontraram, quer pela possibilidade de se lhe atribuir uma etimologia antiga intimamente relacionável com águas termais e suas propriedades terapêuticas.

## 2.2 *Conimbriga*

Em relação à etimologia deste topónimo, começa J. J. Moralejo por referir-se (2007: 191) à decantada interpretação de *Conimbriga* como «cidade dos Cónios», baseada na possível expansão deste povo «desde Algarve y Alentejo hasta más arriba del Tejo». Afirma, porém, logo de seguida: «Parece que no hay otros dados o siquiera indícios de tal expansión, por lo cual esas hipotesis etimologicas quedan en el aire y no son preferibles sin más a otras».

Teve, aliás, Roland Blondin (1977) a oportunidade de acentuar também a inexistência dessa possível relação entre os Cónios e a cidade; e apontou a hipótese de o vocábulo ser formado por dois elementos, sendo *con-* o primeiro, que, por terminar em *-im* (tal como acontece em Sesimbra, com uma possível aproximação ao topónimo *Conistorgis*), ainda que ‘obscuro’, pode consubstanciar a hipótese de que povos «celtas ou pré-celtas tenham estabelecido um *oppidum* num local já habitado por indígenas pré-indoeuropeus, que o designavam por um apelativo topográfico saído da raiz *\*con-*» (p. 158).

Nesse mesmo volume da revista *Conimbriga* se incluiu um brevíssimo comentário de José Maria Piel (1977), que também sublinha a «relativa fragilidade» da relação com os Cónios, sugerida «há bastantes anos», até porque «falta ainda uma explicação segura do elemento interno *-(i)m-*, de carácter certamente morfológico (genitivo do plural?)» (p. 162).

J. J. Moralejo avança, todavia, uma outra proposta, que, em seu entender, servirá igualmente para topónimos como Cambra e Sesimbra: a única segmentação que lhe parece possível é \**Coni-mbriga*, relacionando o segundo elemento do composto – que terá sofrido epêntese do **b** – com a palavra irlandesa *bruig*, a que se atribui o significado de ‘país’, ‘território’, relacionável ainda com o vocábulo latino *margo*, ‘margem’, ‘limite’ (p. 193).

Sirvam-nos, pois, estes dois exemplos para testemunhar o empenho do investigador que... filosofa!

### 3. Viver

Há, todavia, que passar além, porque, de facto, elucubrações etimológicas podem fazer-nos sair da realidade, mas também podem eficazmente contribuir para tornar esta mais aliciante, colorindo-a com essas mesmas elucubrações tendo em vista objectivos bem diferentes.

Causará, decerto, estranheza a muitos lerem, a propósito da obra de J. J. Moralejo Alvarez, que «para su hija Helena dibujó y manuscibió el *Bestiario Helénico* (Biblioteca Gallega, La Coruña, 1991)».

Essa publicação retoma, por conseguinte, o que comecei por dizer a propósito do Homem e do Sábio. Neste caso, o Sábio pôs a sua Ciência ao serviço da imaginação, para deleite de quantos tiveram já a dita de saborear o *Bestiário*, no seu «texto bífido galego-español». Eu tenho-o na 1ª versão, com a advertência manuscrita pelo autor de que contém «cosas mucho más raras que los teónimos y epítetos» e já com adendas: o Caballo Cartujano (*Equus Frailunus Silentiosus*) e o Cartujo Caballuno (*Monachus Equinus Feus*); a Gamba de Viola (*Mariscus Musicus Alajillus*); a Llama Regulable (*Flamma Roscovariabilis Andina*); a Musaraña (*Zampavates Ludofloralis*); o Papagayo (*Avis Vaticana Infalibilis*).

«Helénico», porque se destina a Helena, escrito à mão e desenhado pelo autor; bestiário, porque se trata de uma colecção de bestas, como o herbário é uma colecção de ervas. Está, porém, precedido de um prólogo em que o pai explica à filha a finalidade e os meios. E adverte: «Te aconsejo que no te fies de la gente que, por ejemplo, sabe mucho de rinocerontes y de elefantes, pero es incapaz de interesarse por el rinocefante, es gente que tiene el alma en prosa, y unos lo disimulan, otros lo ignoran, pero tienen prosaica el alma» (p. 9-10).

Mais de 19 bichos imaginários («que no los hay, pero existen...»), série que contém um esclarecedor (!) «banco de peixes» e se conclui com a explicação da teoria da evolução.

Ironia fina, sagacidade ímpar, singular espírito de humor. Sirva-nos de exemplo o camaleão (metade cama, metade leão), um dos «animales famosos por la comodidad de que disfrutan»: metade do corpo é «una bisagra que les resulta utilísima a la hora de dormir porque les ahorra andarse buscando hotel o pensión, que, como sabes bien, escasean en la selva, que, por el abarrote de bichos, está siempre de temporada alta» (p. 17-18). E o petirrojo, *Troskoprogrius Leninosus*, (fig. 3), «pájaro con vocación de asamblea, coordinadora, plataforma, colectivo,...: ahí es donde él se encuentra a gusto haciendo Historia y siempre Historia con mayúscula» (p. 63). «(...) Todo buen petirrojo puede cantar con singular esmero, ejemplar devoción y sobresaliente virtuosismo: puede incluso entrar en tal éxtasis que le cae encima el Muro de Berlín y no se entera» (p. 64)...

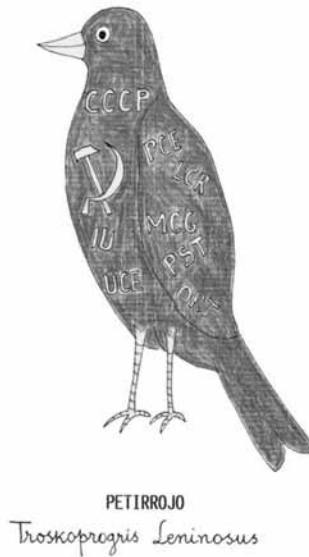


Figura 3

...

‘Ensino Grego quando a pesca está em tempo de defeso’ é a frase de Juan José Moralejo Álvarez; mas, ao lermos este seu Bestiário, ficamos com uma certeza grande: é que, mesmo quando ensina Grego, ele nos ensina a pescar!

Não é apenas Helena a aluna; somos todos nós – a colher ensinamentos com o seu exemplo, com o seu olhar perspicaz, a experiência de vida que compartilha. Não faz como aquele filósofo grego que, segundo a lenda, tanto estudava os astros que se afundou num buraco do caminho que não viu. Juan José ensina os astros e ensina o caminho e manda olhar para os transeuntes, para os bichos com que no dia-a-dia nos cruzamos...

Um Mestre só o é, na plena acepção da palavra, se usar do seu Magistério para ensinar a viver. Moralejo Álvarez é... um Mestre!

## Bibliografía

- BLONDIN, Roland (1977): «Le toponyme *Conimbriga*», *Conimbriga* 16, 145-159.
- ENCARNAÇÃO, José (1975): *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal*, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- KORN, Frank J. (2002): *Hidden Rome*, Mahwah (New Jersey): Paulist Press.
- MORALEJO ÁLVAREZ, Juan José (2002): «BORMANICO, CIL II 2402 y 2403», A. I. BOULLÓN (ed.): *Actas do XX Congreso Internacional de Ciencias Onomásticas (Santiago de Compostela 20-25 setembro 1999)*. A Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza, 1507-1523. Inserido na colectânea *Callaica Nomina (Estudios de Onomástica Gallega)*, 2007, A Coruña: Fundación Pedro Barrié de La Maza, 153-170.
- MORALEJO ÁLVAREZ, Juan José (2003); «Conimbriga y otros topónimos en *-briga*», J. Ma NIETO (coord.): *Lógos Hellenikós. Homenaje al profesor Gaspar Morochó Gayo*, León: Universidad, 185-195. Inserido na referida colectânea *Callaica Nomina*: 186-196.
- OLIVARES PEDREÑO, Juan Carlos (2002): *Los Dioses de la Hispania Céltica*, Madrid: Real Academia de la Historia.
- PIEL, J. M. (1977): «Sobre os topónimos Conimbriga, Condeixa e Alcabideque», *Conimbriga* 16, 161-165.
- PRÓSPER, Blanca María (2002): *Lenguas y Religiones Prerromanas del Occidente de la Península Ibérica*, Salamanca: Ediciones Universidad.
- QUOIST, Michel (1965): *Construir*, Lisboa: Livraria Morais Editora.
- RIBEIRO, José Cardim (coord.) (2002): *Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa*, Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, 357.
- RODRÍGUEZ GONZÁLEZ, Xavier (1997): «Una dedicación a Reue en el entorno de Las Burgas (Ourense), y su significado en el contexto arqueológico», *BAur.* 25, 51-60.
- VASCONCELLOS, José Leite de (1905): *Religiões da Lusitânia*, 2.º vol., Lisboa: Imprensa Nacional.